

A hospitalidade em uma “sala de leitura” depende da acessibilidade: um estudo de caso em uma escola pública de São Paulo/SP

Resumo

Em cada uma das escolas públicas da Prefeitura de São Paulo existe uma “Sala de Leitura”, que os alunos frequentam regularmente uma vez por semana. E esta regra vale para alunos desde o início da escolarização, aos seis anos de idade, até os que estão no último ano do Ensino Fundamental de nove anos. A organização dos livros, os principais materiais disponíveis têm de atender este público variado, e neste estudo, cuja metodologia foi a da pesquisa, o objetivo principal foi o de refletir, a partir das condições atuais da Sala de Leitura, sobre as possibilidades reais da acessibilidade à leitura como ferramenta de conhecimento do mundo. Este ensaio-teórico traz algumas reflexões dos bibliotecários e professores encarregados das “Salas de Leitura”, que ainda não dispõem de evidências provenientes de pesquisa que permitam conclusões definitivas.

Palavras-chave: Sala de leitura; Biblioteca; Hospitalidade; Acessibilidade.

Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt
Mestranda no Programa de Mestrado em Hospitalidade na Universidade Anhembi/SP – Brasil
bethbittencourt@gmail.com

Maria do Rosário Rolfsen Salles
Doutora em sociologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Brasil
mrrsalles@uol.com.br

Para citar este artigo:

BITTENCOURT, Elizabeth Christina Rodrigues; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. A hospitalidade em uma “sala de leitura” depende da acessibilidade: um estudo de caso em uma escola pública de São Paulo/SP. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 15, n.29, p. 122 - 137. jan./jun. 2014.

DOI: 10.5965/1984724615292014122

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724615292014122>

The hospitality in a “reading room” depends on accessibility: a case study in a public school of São Paulo/SP

Abstract

In each of the public schools of the City of São Paulo there is "Reading Room" which students attend regularly once a week. And this rule applies to students from the beginning of schooling, at six years of age, even those who are in the final year of elementary school, which lasts nine years. The organization of the book, the main materials available, you must meet this diverse audience, and in this study, whose methodology was action research, the main objective was to reflect the current conditions from the Reading Room on the real possibilities of accessibility to reading as a tool for understanding the world. This theoretic-essay presents some reflections of librarians and teachers in charge of the “Reading Rooms”, which do not yet have evidence from research that allow definite conclusions.

Keywords: Reading room; Library; Hospitality; Accessibility.

1. Introdução

Por que “Sala de Leitura” e não “Biblioteca”?

A palavra “Biblioteca” advém da junção de duas palavras gregas: *biblio*, que significa livro e *têke*, depósito. Desde a mais longínqua antiguidade é, então, um local onde são guardados materiais escritos, desde os antigos papiros e pergaminhos até os atuais livros, em suas versões materiais e eletrônicas. Acervos monumentais são referidos desde a Biblioteca de Alexandria, criada alguns séculos antes de Cristo, mas tinham severas restrições de acesso, porque naquela época os exemplares eram todos manufaturados, o que lhes garantia elevado valor (BASTOS, 2011). Com o aperfeiçoamento da mecanização, os primeiros livros produzidos na China desde o século VIII, com o uso de pranchas semelhantes às atuais xilogravuras, passaram a ser impressos por meio de ‘tipos móveis’, no invento desenvolvido por Gutemberg, no século XV. Este avanço propiciou a produção em larga escala dos livros e a popularização da leitura (CHASSOT, 1994). A produção bibliográfica se ampliou dos livros às enciclopédias, das revistas aos jornais e inúmeras outras publicações que levam o público em geral ao conhecimento e hábito da leitura. O Homem, que desde o berço das civilizações se comunicava oralmente, vai se modificando com os séculos, construindo uma sociedade mais ordeira e organizada, e neste processo civilizador o papel da Educação e dos materiais impressos foram de primordial importância (BERGER E LUCKMANN, 1985; ELIAS, 1994).

Émile Durkheim defendeu a Educação como um fator social, através do qual uma geração de adultos exerce influência sobre as gerações mais jovens, inculcando nelas saberes, conhecimentos e práticas relacionadas ao grupo social e local ao qual pertence. (DURKHEIM, 1978). Dentro desta acepção ampla se inserem as Escolas propriamente ditas, que se constituíram a partir do ensino individualizado, realizado por preceptores, e que hoje são símbolos do Estado democrático e de acesso obrigatório, no Brasil.

As Bibliotecas foram sempre, desde o início de sua constituição, um domínio das sociedades que as produziram, e somente com o passar do tempo passaram a ser

domínio das Escolas numa dimensão reduzida, focalizando principalmente os compêndios pedagógicos selecionados por seus organizadores. A denominação “Biblioteca” perdurou, sem se considerar, de fato, sua distinção. Nos dias de hoje as “Bibliotecas” públicas dispõem de milhares de exemplares, nos mais diversos formatos e que atendem aos mais diversos públicos. Além do acervo material, dispõem também de acesso ao material digitalizado e acesso a outras Bibliotecas e fontes de informação através da internet, o que faz com que qualquer cidadão obtenha as informações desejadas em qualquer lugar do mundo, em suas diversas linguagens e expressões.

Há necessidade de se distinguir as “Bibliotecas” que atendem a Educação Básica e o Ensino Superior. As que atendem a Educação Básica nem sempre dispõem de um profissional com formação em Biblioteconomia e que estabeleça uma organização rígida, como acontece nas Universidades. As “Bibliotecas” universitárias costumam receber os benefícios da atuação dos bibliotecários, que organizam o acervo e controlam rigidamente empréstimos e devoluções, contando também com modernos sistemas de segurança para controlar este fluxo. Nos ambientes das Escolas de Educação Básica, especialmente as instituições públicas, a organização é estabelecida de acordo com o nível dos alunos e títulos disponíveis.

A denominação “Sala de Leitura” está diretamente relacionada às Escolas Municipais de Ensino Fundamental da cidade de São Paulo, sendo estas salas destinadas ao fomento e prática da leitura compreensiva pelos alunos, propiciando o acesso aos textos literários e visões de mundo, num ambiente agradável, desfrutado com prazer e que demonstre compromisso com a cultura da realidade local e global.

Neste ensaio, então, será relatada a experiência de um “Professor Orientador de Sala de Leitura” em uma Escola da rede da Secretaria Municipal de Educação, em suas ações voltadas à acessibilidade do acervo disponível, de forma harmoniosa e responsável pelos alunos, num clima respeitoso e de hospitalidade.

2. O caso em estudo

2.1- Perfil do “Professor Orientador da Sala de Leitura” e questões metodológicas

Para assumir o compromisso de atuar em uma “Sala de Leitura” o profissional deve ser um Professor efetivo ou estável e que tenha disponibilidade de horário para assumir as diferentes turmas em uma sessão semanal. Deverá apresentar uma Proposta de Trabalho articulada à Proposta Pedagógica da Escola e ser eleito pelo Conselho de Escola.

Neste caso, é relatada a experiência da Autora, que assumiu a função de “Professor Orientador de Sala de Leitura” a partir de 1º de junho de 2013. Atendendo a disposições legais, participou de capacitações na Diretoria de Ensino de Santo Amaro e também do I Seminário Internacional: Programa “Quem lê sabe por quê” promovido pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo em 25 de setembro de 2013. Nas diversas palestras de especialistas de outros países, o papel das “Salas de Leitura” foi ressaltado como um ambiente inserido e administrado por pessoas ou entidades diversas, que assumem o compromisso de promover a leitura e fidelizar leitores. Edmir Perrotti diz que, com o hábito da leitura, “operações mentais acontecem: emoções, sensações e o encadeamento de ideias” (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2013).

Perante os mais de nove mil exemplares disponíveis nas prateleiras e armários da “Sala de Leitura” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vieira de Carvalho Mesquita a Professora desarmou-se. Sentiu-se insignificante diante de todo o conhecimento acumulado nos livros acomodados nas prateleiras.

Penso que em toda biblioteca há espíritos. Esses são os espíritos dos mortos que só despertam quando o leitor os busca. (Jorge Luis Borges)

“Professor Orientador de Sala de Leitura”: este conjunto de palavras ganhou nova significação. Professora, sim, mas sem pretender ensinar todo o conhecimento contido em todos estes exemplares. Professora sim, mas ainda ignorante de todas as facetas do conhecimento e da cultura socialmente produzida e contida em cada um dos exemplares. Como Jacques Rancière, em seu “Mestre ignorante” (2007), percebi que o Professor

Orientador é aquele que indica, que orienta, que acompanha a leitura de seus alunos a partir de seu próprio conhecimento ampliado. É aquele que abre as portas de um novo mundo, o mundo das ideias e da reflexão aos seus alunos, sem lhes tolher a vontade.

Entender este conceito promove uma modificação na leitura de seu próprio papel de profissional da Educação. Criar um ambiente reflexivo é também tornar-se reflexivo. É reconhecer que para refletir é preciso observar com novos olhares o seu ambiente e sua prática. É buscar convalidar em trabalhos acadêmicos aquilo que pensa e faz, na articulação com os demais envolvidos, neste caso, os alunos. Segundo José Gimeno Sacristán (2002) o ideal preconizado pelo pós-positivismo defende que os “professores devem se tornar profissionais reflexivos, que refletem sobre a própria prática” tornando-se pesquisadores, e assim, inventando e dando significado a sua própria prática.

Nesta empreitada, na análise da prática efetivada, o registro das ações realizadas, das opiniões, das intervenções de sucesso, com a participação ativa dos alunos é o que se fez desde então. A opinião dos colegas da comunidade escolar, em busca de orientações e análise dos resultados parciais obtidos foi oferecendo um quadro bastante confiável de que as ações implantadas satisfizeram, mesmo que parcialmente, a maioria do alunado. Sob este ponto de vista, é possível afirmar que este estudo, então, esteve sob a égide da denominada “pesquisa-ação”, e o referencial teórico utilizado foi o livro de Michel Thiollent (2011).

2.2 Primeiras ações:

Reconhecimento do espaço e do acervo

A “Sala de Leitura” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marina Vieira de Carvalho Mesquita está situada no piso onde estão concentradas as dependências administrativas da unidade escolar, a saber: Secretaria, salas da Equipe de Direção e Coordenação, Sala dos Professores, Sala de Informática, Brinquedoteca e salas especiais para alunos com necessidades especiais e envolvidos nas aulas de reforço. No esquema abaixo os principais itens que permitem sua organização espacial.

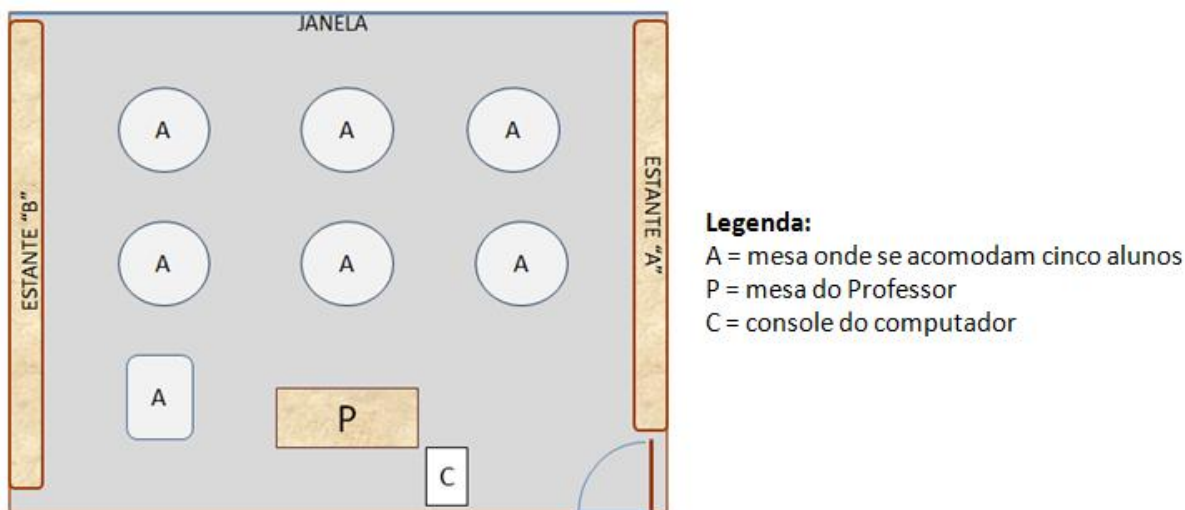


Figura 1 – Representação esquemática da Sala de Leitura e seus principais equipamentos

Existem, tombados, mais de nove mil exemplares, dentre eles conjuntos de livros paradidáticos para serem usados em sala de aula, que vêm sendo tombados manualmente desde o início da organização do acervo.

A organização dos livros, nas prateleiras mais altas, atendia aos diversos campos dos saberes pedagógicos, tais como Administração Escolar, Currículo, Práticas pedagógicas e Metodologias de Ensino, Psicologia, Filosofia, dentre outras. Nas prateleiras inferiores os conhecimentos curriculares tratados pelos professores especialistas junto com livros de literatura, em verso ou prosa. Estes exemplares estavam organizados em ordem alfabética do nome próprio dos Autores. Assim, Ana Maria Machado, autora de livros infantis, estava em prateleiras mais altas, enquanto uma autobiografia de Paulo Freire estava nas prateleiras inferiores. Dada esta organização, muitos dos livros acomodados em prateleiras altas eram de interesse dos alunos, enquanto que outros, menos interessantes, nas prateleiras mais baixas.

2.3 Recepção dos alunos e sua oitiva

Perante a dificuldade em reconhecer a ordem estabelecida e buscar os livros de seu próprio interesse, os alunos estavam desinteressados de sua prospecção e manuseio. Buscando entender o cotidiano estabelecido anteriormente, o que se encontrou foi uma

série de exercícios dirigidos de leitura de trechos de livros seguidos de interpretação e exercícios.

Alguns alunos queriam encontrar determinados títulos e começaram a pedir com insistência que estes exemplares fossem encontrados. A maioria das solicitações estava dirigida ao livro infantil “A bruxa Salomé” (WOOD, 1996). Depois de muita busca foi encontrado um exemplar, danificado pelo tempo e manuseio, faltando folhas internas que prejudicavam o entendimento da história. Depois de algumas semanas foi encontrado outro, também com os efeitos do tempo, mas com todas as folhas intactas. Foi um grande acontecimento entre os alunos, mas antes que se perdesse entre tantos interessados na leitura integral, a Professora Orientadora decidiu digitalizar este exemplar, para que pudesse ser desfrutado ao mesmo tempo por um maior número de alunos. E assim, iniciou-se um projeto de digitalização do acervo, visando a preservação dos seus títulos mais representativos, contando hoje com mais de trinta obras digitalizadas.

2.4 Desdobramento do acervo dos itens mais buscados

O que se iniciou com o procedimento feito com “A bruxa Salomé” foi sendo gradativamente estendido a outros títulos, aqueles mais disputados pelos alunos. Várias cópias obtidas a partir do escaneamento do livro foram salvas em discos – CDs – e entregues à Professora da Sala de Informática da Escola, que dispõe de vários terminais de computador, para acesso ilimitado dos títulos aos interessados. Esta ação de disponibilização foi ampliada aos Professores das turmas de alunos com necessidades especiais e de aulas de reforço, que puderam explorar este material com seus alunos, obtendo bons resultados.

2.5 Reorganização dos livros

Com auxílio dos alunos, os livros foram retirados das duas estantes laterais da “Sala de Leitura” e rearranjados, ficando em um dos lados da sala – na Estante “A” – os livros de interesse curricular e no outro – estante “B” – os de valor literário. No primeiro

grupo, foram ainda separados entre: Patrimônio Cultural, Geografia, História, Ciências, Matemática e Educação Física, os livros das diferentes expressões artísticas e os livros de poesias.

Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores Ler e Escrever	Leituras para Educadores Artes	<i>Teatro adulto</i> - Nelson Rodrigues - Gianfrancesco Guarnieri	<i>Ópera</i> <i>Músicas e</i> <i>Músicos</i>
Paulo Freire Leonardo Boff	Geografia (textos para Professores)	História (textos para Professores)	<i>Ciências</i> (textos para Professores)	<i>Artes</i>	<i>Músicas e</i> <i>Músicos</i>
CULTURA E FOLCLORE	Geografia	Mitologia e História	<i>Ciências</i>	<i>Artes</i> <i>Rádio, TV e</i> <i>Journal</i>	Poesia
CULTURA E FOLCLORE	Geografia	História Coleções paradidáticos	<i>Ciências</i>	MATEMÁTICA	Poesia
LENDAS DO FOLCLORE	Geografia	História Alunos - Ciclo II	<i>Ciências</i>	MATEMÁTICA	Poesia
LENDAS DO FOLCLORE	Lendas do povo brasileiro (coleção)	História Alunos - Ciclo I	<i>Ciências</i>	Educação Física	Poesia
Paradidáticos para projetos	Lendas universais: - Irmãos Grimm - Andersen...	Paradidáticos variados	<i>Ciências para as crianças</i>	Educação Física	Poesia para as crianças

Figura 2 – Representação esquemática da estante “A”

Na estante lateral contrária – estante “B” – foram acomodados os livros de literatura infanto-juvenil, dispostos nos nichos de acordo com o nível de interesse e capacidade de leitura dos alunos.

A hospitalidade em uma “sala de leitura” depende da acessibilidade: um estudo de caso em uma escola pública de São Paulo/SP

Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt - Maria do Rosário Rolfsen Salles

Enciclopédia Barsa	Leituras para Educadores Coleção azul/verde Min. Hadad	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores	Leituras para Educadores Filosofia, Ética, Deficiências e Inclusão	Leituras para Educadores
Escre. portuguesas - Pe. Antonio Vieira - Matias Aires - Camilo Cast. Branco - Eça de Queiroz	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Literatura estrangeira	Estudos de Literatura para Educadores
Romantismo - José de Alencar - Joaquim Manoel de Macedo - Manuel Antonio de Almeida	Realismo - Machado de Assis - Silvio Romero - Artur de Azevedo - Aluísio de Azevedo - Raul Pompéia	Modernismo - Manuel Bandeira - Lima Barreto - Viriato Correa * COLEÇÃO- Semana de 22 (19 vol.)	Neo-Realismo - Graciliano Ramos - Mario de Andrade - Cecília Meirelles - José Lins do Rego - Carlos Dr. Andrade	Neo-Realismo - Erico Veríssimo - João G. Rosa - Raquel de Queiroz - Jorge Amado - José C. Carvalho - Mário Palmério - José M. Vasconcelos	Contemporâneos - Darcy Ribeiro - Fernando Sabino - Lygia Fagu. Telles - Stanislaw P. Preta - Marcos Rey - Rubem Fonseca	Contemporâneos - Carlos H. Cony - Aluísio Dourado - Lygia Bojunga - Luiz Fern. Veríssimo - Ganymedes José - Ana Maria Machado
DICIONÁRIOS Português-Ingês E Gramáticas da língua inglesa	DICIONÁRIOS Português-Português E Minigramáticas Internet	As mil e uma noites e congêneres	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 3	Detetives, mágicos, bruxas e vampiros Ciclo II	Leitores autônomos Ciclo II – nível 3	Leitores autônomos Ciclo II – nível 3
Ingês - Paradidáticos - Literatura inglesa	(Realismo) Monteiro Lobato - Coleção infantil - Urupês	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 3	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 2	Detetives, mágicos, bruxas e vampiros Ciclo II	Leitores autônomos Ciclo II – nível 2	Leitores autônomos Ciclo II – nível 2
Ingês - livros de exercícios	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 1	Leitores Proficientes Ciclo I – nível 2	Leitores Proficientes Ciclo II – nível 1	Mistério e aventuras Ciclo I	Leitores autônomos Ciclo II – nível 1	Leitores autônomos Ciclo II – nível 1
CAIXAS 9 E 10	CAIXAS 11 E 12	CAIXAS 13 E 14	CAIXAS 15 E 16	CAIXAS 17 E 18	CAIXAS 19 E 20	CAIXA 21 E 22
CAIXAS 1 E 2	CAIXAS 3 E 4	CAIXAS 5 E 6	CAIXAS 7 E 8			

- Leitores Proficientes – sabem manusear adequadamente um livro e lêem com fluência, mas há necessidade de recomendação de leitura
- Leitores Autônomos – manuseiam adequadamente um livro, lêem com fluência e sabem escolher um livro de acordo com seus interesses

Figura 3 – Representação esquemática da estante “B”

Nos nichos inferiores da estante “B” foram ainda colocados conjuntos de livros paradidáticos dentro de caixas numeradas, que de cada título existem mais de vinte exemplares, para que os Professores possam utilizá-los em sala de aula como recurso complementar aos livros didáticos oferecidos. Para facilitar a localização dos títulos dentro destas caixas foi criada uma planilha onde se encontram o nome dos Autores, títulos das obras aos números das caixas, para serem localizados facilmente pelos Professores.



Figura 4 – Foto das caixas numeradas nos nichos inferiores da Estante “B”

3. O estudo do caso

3.1 Resultados

Ao final da reorganização dos livros nas estantes, especialmente com a recolocação das coleções nas caixas numeradas, os livros ficaram com melhor arranjo visual por parte da comunidade escolar, em geral. Todos tiveram melhor acesso aos títulos disponíveis, tanto alunos quanto professores. Com o passar do tempo, os alunos, desde os mais jovens, aprenderam o local dos livros de maior interesse e compreensão, e passaram a retirá-los e devolvê-los nas estantes de forma autônoma.

Tão logo este entendimento das regras foi sendo assimilado por parte dos alunos, a expectativa inicial sobre o trabalho a ser desenvolvido por parte da Professora Orientadora da Sala de Leitura foi se esgotando, sua ansiedade diminuiu, aumentando a organização e disciplina durante as aulas. Outros materiais foram sendo incorporados, paulatinamente, como globos terrestres, papel de seda para cópia de desenhos, e uma rotina foi sendo constituída, baseada no uso de caderno próprio e estojo de lápis para registro e ilustração de textos explorados durante cada aula.

A leitura foi sendo incentivada como recurso de socialização dentro da “Sala de Leitura” e os alunos, com o tempo, foram fazendo empréstimo para que seus pais lessem as histórias que mais gostaram.

A digitalização do acervo reduziu a ansiedade dos alunos na leitura dos títulos mais disputados. O exemplar único da “A bruxa Salomé” perdeu-se nas prateleiras, mas a história continua sendo lida na Sala de Informática, em seu formato digital.

Os Professores iniciaram a recomendação de livros de conteúdos curriculares para pesquisas dos alunos, com objetivo de dinamização das aulas através de pesquisas e apresentação de trabalhos em classe. Na Mostra Cultural, no final de 2013 a “Sala de Leitura” foi preparada para a recepção das famílias dos alunos com o tema “Borboletas”, que sugeriam as asas da imaginação que surgem a partir da leitura dos livros. Até mesmo nas pás dos ventiladores foram pendurados cordões com algumas borboletas de papel, que voavam ao acionar o mecanismo, o que impressionou favoravelmente os visitantes.



Figura 5 – Duas fotos da Sala de Leitura na Mostra Cultural - 2013

3.2 Discussão dos resultados

Por ser um estudo de caso, depende das diversas condições existentes no local considerado e em um determinado período de tempo. Assim, durante o ano de 2013 o Projeto inicial apresentado e aprovado pelo Conselho de Escola foi sendo executado pela Professora, com o auxílio dos alunos, que atuaram como protagonistas deste processo. A equipe de gestão forneceu suporte material e humano, na medida das disponibilidades da Escola, para que as ações propostas fossem implementadas adequadamente. O corpo docente e os demais profissionais da escola foram aos poucos notando as modificações que estavam sendo realizadas e passaram a recorrer com maior frequência ao acervo disponível em suas consultas e oferecimento aos alunos. No segundo semestre de 2014 a Sala de Leitura foi aparelhada com um equipamento de multimídia, que vem ampliando as ações pedagógicas propostas pela Professora Orientadora de Sala de Leitura. Os livros escaneados podem ser apresentados aos alunos, acompanhados de fundo musical condizente. Imagens e vídeos de curta duração, de caráter educativo, podem ser apresentados e comentados pelos alunos. Palestrantes também podem se utilizar da Sala de Leitura e deste equipamento em suas apresentações à equipe docente, em ações de capacitação em serviço promovidas pelas diversas instâncias da Secretaria da Educação.

A Prefeitura vem disponibilizando a estes profissionais um “Caderno orientador para ambientes de leitura”, redigido pela Diretoria de Orientação Técnica e que abre diversas possibilidades para o trabalho do Professor Orientador da Sala de Leitura. Aos

encontros periódicos de capacitação para os “Professores Orientadores de Sala de Leitura” somam-se outros, voltados ao desenvolvimento de projetos específicos, como o “Leituraço”, em novembro de 2014. No desenvolvimento destes projetos, seminários e encontros com especialistas visitantes são promovidos, que oferecem a leitura de textos acadêmicos e discussão da impressão dos convidados, que compartilham e discutem suas experiências cotidianas. Cabe lembrar que nestes encontros o estudo de textos que apresentam a hospitalidade em suas diferentes dimensões só irá contribuir para com o entendimento dos profissionais da Educação, que poderão incorporar em suas práticas ações voltadas ao acolhimento de seus alunos em salas de aula.

A partir destas considerações, é possível que outros estudos de caso sejam concretizados, permitindo o melhor entendimento das experiências desenvolvidas nas escolas da rede municipal de ensino.

3.3 Outros caminhos e desafios:

Retomando o conceito inicial de Educação, na visão de Émile Durkheim:

[...] defendeu a Educação como um fator social, onde uma geração de adultos exerce influência sobre as gerações mais jovens, inculcando nelas saberes conhecimentos e práticas relacionadas ao grupo social e local ao qual pertence.

Esta é a posição de um grande mestre, e arraigada no senso comum e acadêmico. Pois é nesta afirmação que se encontra a maior crise da atualidade: as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) são entendidas e utilizadas mais rapidamente pela geração mais jovem, invertendo o fluxo de informações. Agora quem aprende são os mais velhos, acostumados a ensinar.

A prática educativa em tempo de mudanças requer a valorização de novos saberes no campo da Educação. Parafraseando Paulo Freire (2000, p. 39): “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. Bem certo, quando pensamos nas novas tecnologias de que dispomos hoje e não dispúnhamos antigamente, percebemos que é preciso correr o risco de utilizá-las, recorrendo aos que utilizam estes saberes com maior habilidade: os jovens. Aceitar o diálogo com a juventude no

desenvolvimento de projetos escolares oferece aos educadores a rica oportunidade de implementar estes saberes em sua prática educativa, valorizando seus saberes consolidados. Nem sempre o aluno com melhores notas é o mesmo que detém maior habilidade com as novas tecnologias e cabe ao educador a perspicácia de valorizar o trabalho de todos os seus alunos, incentivando sua participação, qualquer que seja, e que valorize a produção de todo o grupo. Talentos inimaginados irão surgir, não só no campo da informática, mas também das letras, das artes ou das ciências e relações sociais.

Vital Didonet (1998, p. 44) acrescenta que a escola atual deve sofrer uma profunda mudança para se adequar aos recentes conhecimentos sobre o cérebro humano, a origem e transformações do conhecimento no cenário marcado pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Ele assinala oito setores que carecem de renovação para que a escola se transforme e fique adequada aos cenários do presente e do futuro que se aproxima, que vão da “democratização do acesso à escola e ao conhecimento em todos os níveis” até a “disponibilidade na escola das novas tecnologias da comunicação e da informática”, tecendo a seguinte reflexão:

Não temos apenas o apelo do futuro, o desafio de viver numa sociedade mundializada. Temos o fantasma do passado para exorcizar, e as feridas do presente para curar.

Referências

BASTOS, Gustavo Grandini. Bibliotecas: uma reflexão história acerca da constituição dessas instituições. *Linguasagem*. v. 17, jul/dez 2011. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_bastos.php. Visualizada em 01/07/2014

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

CHASSOT, Attico. *A Ciência através dos tempos*. São Paulo: Moderna, 1994.

DIDONET, Vital. Por uma escola do nosso tempo. *Pátio: Revista Pedagógica*, ano II nº 5. Mai/jun 1998. Porto Alegre: Artmed.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia – com um estudo da obra de Durkheim*, pelo Prof. Paul Fauconnet. Trad. Prof. Lourenço Filho. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos Costumes*. Trad. Ruy Jungmann. Rev. e Apres. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2.v.

FREIRA, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GIANETTI, Eduardo. *O livro das citações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação lança programa “Quem lê sabe por quê”. Postada em 19 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/anonimosistema/detalhe.aspx?List=Lists/Home&IDMateria=1497>. Visualizada em 01/07/2014.

_____. Diretoria de Orientação Técnica. *Leitura ao pé da letra: caderno orientador para ambientes de leitura*. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 2 ed. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WOOD, Audrey. *A bruxa Salomé*. 2 ed. Ilustr. Don Wood. Trad. Giselda M. Padovan. São Paulo: Ática, 1996.

A hospitalidade em uma “sala de leitura” depende da acessibilidade: um estudo de caso em uma escola pública de São Paulo/SP

Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt - Maria do Rosário Rolfsen Salles

Recebido em: 25/06/2014

Aprovado em: 07/10/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*

Volume 15 - Número 29 - Ano 2014

revistapercursos@gmail.com